

William Boyd

# DOCE CARÍCIA

AS MUITAS VIDAS DE AMORY CLAY

Tadução  
Miguel Romeira







*Amory Clay em 1928*



## PRÓLOGO

O que me terá atraído ali, ao fundo do jardim? Lembro-me da luz de verão – as árvores, os arbustos e a relva de um verde luminoso regados pelo sol brando e benévolo do final da tarde. Terá sido a luz? Mas havia também os risos de um grupo reunido junto ao lago. De certeza que alguém se pusera com patéticos para fazer rir os outros. Portanto, atraíram-me a luz e os risos.

Eu estava enfiada em casa e entediada; abri a janela do quarto, o que me permitia ouvir o burburinho das conversas dos nossos convidados. A dada altura ergueu-se aquele súbito arpejo de risos deliciosos e isso fez-me levantar da cama e ir até à janela, de onde podia ver os cavalheiros, as senhoras, o grande toldo e as mesas de cavalete cheias de canapés e de tigelas de ponche. Fiquei curiosa; porque estariam todos a ir para o lago? Qual o motivo de tanta animação? Então desci as escadas a correr para me ir juntar a eles.

Já a meio do relvado, rodei nos calcanhares e corri de volta a casa para ir buscar a minha máquina fotográfica. Porque terei feito isso? Hoje, passados tantos anos, julgo ter uma ideia do motivo. Queria fixar aquele momento, aquela amena reunião num jardim em Inglaterra, num morno entardecer de verão; queria capturá-lo e fazê-lo prisioneiro para sempre. De alguma forma, senti que podia travar o avanço incessante do tempo e guardar aquela cena, aquela fração de segundo – aquelas senhoras e aqueles cavalheiros, todos vestidos com as suas melhores roupas, a rirem descontraídos, sem nada que os preocupasse. Graças às propriedades da minha maravilhosa máquina fotográfica, podia capturá-los num instante e para todo o sempre. Tinha nas mãos o poder de parar o tempo – ou, pelo menos, assim eu o julgava.



**LIVRO PRIMEIRO: 1908-1927**



## 1. RAPARIGA COM MÁQUINA FOTOGRÁFICA

AGORA QUE PENSO NISSO, no dia em que eu nasci foi cometido um erro. Hoje não parece importante, mas, a 7 de março de 1908 – há quase setenta anos; toda uma vida, dir-se-ia –, chegou para deixar a minha mãe furiosa. O caso é que nasci mesmo e, cumprindo as implacáveis instruções da minha mãe, o meu pai foi pôr um anúncio no jornal *The Times*. Eu era a sua primeira filha e havia que dar conhecimento disso ao mundo – ou seja, aos londrinos que liam *The Times*. «7 de março de 1908, Amory, filho de Beverley e de Wilfreda Clay.»

Porque disse ele «filho»? Terá sido para amesquinhar a esposa – a minha mãe? Ou foi por um desejo perverso de que eu, afinal, não fosse rapariga – por ele não querer uma filha? Pergunto-me se não terá sido por isso que, mais tarde, tentou matar-me. Quando encontrei o recorte do anúncio num álbum – o papel já seco e amarelecido –, fazia décadas que o meu pai morrera. Era tarde demais para lhe perguntar. Mais um erro.

O meu pai chamava-se Beverley Vernon Clay, mas, tal como os seus poucos leitores (a maioria há muito desaparecida), decerto conhecem-no como B. V. Clay. Escritor de contos – quase todos de tema sobrenatural –, romancista falhado e, categoricamente, um homem de letras do começo do século xx. Nascido em 1878, falecido em 1944. A seu respeito, reza assim a terceira edição do *Oxford Companion to English Literature*:

*Clay, Beverley Vernon*

B. V. Clay (1878-1944). Contista. Entre outras, publicou as coletâneas: *A Tarefa Ingrata* (1901), *Adormecido Por Uma Canção*

*Malévola* (1905), *Prazeres Culpados* (1907) e *O Clube de Sexta-Feira* (1910). Escreveu vários contos relativos ao sobrenatural, sendo «Os Benefícios da Beladona» o mais conhecido. Este conto foi adaptado para teatro por Eric Maude (ver índice) em 1906 e a peça daí resultante esteve em cena mais de três anos, totalizando mil representações no West End londrino (ver *Teatro Eduardiano*).

Não é lá muito, pois não? Tão poucas palavras para resumir uma vida tão complicada e tão difícil – mas, ainda assim, a maioria de nós não terá direito a tanto nos vários anais que registam para a posteridade o breve tempo que passamos neste pequeno planeta. É engraçado: sempre acreditei que jamais se escreveria uma linha sobre mim, a filha de B. V. Clay, mas afinal estava enganada...

Adiante: tenho recordações do meu pai logo desde muito pequena, mas sinto que apenas comecei a conhecê-lo quando ele regressou da guerra – a Grande Guerra, aquela entre 1914 e 1918 –, tinha eu dez anos e estava já, de certo modo, bem encaminhada para me tornar na pessoa e na personalidade que hoje sou. Por isso, fez diferença ter aquele intervalo temporal imposto pela guerra e, de lá para cá, todos me têm dito que ele próprio regressou um homem diferente, irrevogavelmente transformado pelo que vivera. Quem me dera tê-lo conhecido melhor antes desse trauma – e qual de nós não gostaria de viajar para trás no tempo e de conhecer os pais antes de eles se tornarem nos nossos pais? Antes de as palavras «mãe» e «pai» fazerem deles personagens do mito doméstico, para sempre fixadas e aprisionadas no âmbar dessas duas designações – com as respetivas consequências.

A família Clay.

O meu pai: B. V. Clay.

A minha mãe: Wilfreda Clay (nome de solteira Reade-Hill) (nascida em 1879).

Eu: Amory, a primogénita. Uma rapariga (nascida em 1908).

A minha irmã: Peggy (nascida em 1914).

O meu irmão: Alexander, mas a quem sempre chamámos Xan (nascido em 1916).

A família Clay.

\*

## DIÁRIO DE BARRANDALE, 1977

Regressava eu a Barrantale vinda de Oban, já pela tardinha – um daqueles anoiteceres fantasmagóricos do verão escocês –, quando vi um gato-selvagem a atravessar cautelosamente a estrada, a menos de duzentos metros da ponte que faz a ligação com a ilha. Travei de imediato, depois desliguei o motor e fiquei ali à espera, a assistir à cena. O gato interrompeu o seu cuidadoso avanço e voltou a cabeça para me observar, quase com ativez, como se eu o tivesse vindo incomodar. Sem pensar, agarrei na minha máquina fotográfica – a minha velha *Leica* – e olhei pelo visor. Depois tornei a pousá-la. Não há fotografias mais enfadonhas do que as de animais. Vá, digam lá que não. Fiquei a ver enquanto aquele gato malhado – do tamanho de um *cocker spaniel* – concluía o seu pedante atravessar da estrada para ir depois desaparecer por entre os pinheiros novos. Inexplicavelmente animada, pus o motor a trabalhar e segui caminho para a minha casa de campo.

Chamo-lhe «casa de campo», mas a designação postal é «Druim Rigg Road, n.º 6, ilha de Barrantale». Não imagino onde serão os números 1 a 5, visto a minha casa se erguer isolada na sua baiazinha e a Druim Rigg Road terminar ali. É uma sólida construção de meados do século XIX, com dois andares, paredes grossas, divisões pequenas e duas chaminés; é flanqueada por dois anexos de piso único, aos quais está ligada. Imagino que há cem anos terão vivido aqui agricultores, mas hoje não restam vestígios desses tempos. Ficaram apenas os telhados de telhas cheias de musgo e as paredes exteriores de betão – que, quando me mudei para aqui, se tinham tornado de um desagradável e bilioso verde-cinza e que eu então pinteí de branco.

A casa dá para uma baiazinha sem nome e quem seguir para a esquerda, para oeste, consegue ver a ponta sul da ilha de Mull e, mais adiante, uma faixa do vasto Atlântico, acinzentado e batido pelo vento.

Entrei pela porta da frente e o *Flam*, o meu cão – um labrador preto –, saudou-me com um único latido glótico na sua voz de baixo. Pousei as compras e fui até à sala – o meu gabinete de trabalho – para ver como estava de aquecimento. Tenho uma salamandra dentro da chaminé e uso tijolos de turfeira como combustível. Como as chamas estavam fracas, meti mais uns quantos tijolos lá para dentro. Agradava-me a ideia de



*A casa na ilha de Berrandale antes de ser recuperada e pintada, por volta de 1960.*

queimar turfa em vez de carvão – sentia-me como se estivesse a queimar paisagens de tempos imemoriais, séculos e séculos e geografias inteiras reduzidos a cinzas para me aquecerem a casa e os canos.

Como ainda havia sol, saí com o *Flam* e descemos até à baía. Fiquei ali parada na prainha em meia-lua, enquanto ele vagueava pela linha da rebentação e em volta das pocinhas entre as rochas; vi o dia dar lugar à noite e admirei as assombrosas mutações tonais do pôr do Sol à medida que o dia se ia extinguindo – a forma como o laranja-sangue se pode transformar impercetivelmente num gélido azul ali no gume do horizonte –, enquanto escutava o incessante pedido de silêncio do mar: *shh, shh, shh*.

\*

Quando eu nasci – ainda na Inglaterra Eduardiana –, «Beverley» era perfeitamente aceitável como nome de rapaz (tal como Evelyn, Hilary ou Vivian) e pergunto-me se não terá sido por isso que o meu pai me pôs um nome andrógino: Amory. Acredito que o nome tem importância e que não deve ser escolhido ao acaso; o nosso nome torna-se no nosso rótulo, na nossa classificação – é aquilo que usamos para referir a nossa pessoa. Haverá coisa mais crucial? Em toda a minha vida, só

conheci mais uma pessoa chamada Amory e tratava-se de um homem – um homem enfadonho, diga-se; mesmo um nome tão estimulante não lhe acrescentava interesse algum.

Quando a minha irmã nasceu, o meu pai já tinha ido para a guerra, por isso a minha mãe aconselhou-se com o irmão, o meu tio Greville, quanto ao nome a dar àquela nova bebé. Reza a lenda familiar que, juntos, decidiram que deveria ser um nome «sólido e despretensioso», pelo que a segunda filha dos Clay veio a chamar-se Peggy – em vez de «Margaret», os dois optaram logo pelo diminutivo. Talvez essa tenha sido a resposta da minha mãe a Amory, o nome andrógino que não fora ela a escolher. E foi assim que a Peggy chegou ao mundo: Peggy, a sólida, a despretensiosa. Jamais terá havido criança com um nome mais desajustado. Quando o meu pai veio a casa de licença para conhecer a filha de seis meses, já o nome estava firmemente enraizado; para todos nós, ela era «Peg», «Peggoty» ou «Peggsy», e nada havia que ele pudesse fazer. O meu pai nunca gostou do nome Peggy e acho que, por causa disso, não chegou a amar realmente a filha, como se ela fosse apenas uma enjeitada que tivéssemos acolhido. Já veem ao que me refiro quando falo na importância dos nomes. Acharia a Peggy que lhe fora posto o nome errado por o pai não gostar particularmente dele, ou dela própria? Seria isso mais um erro? Terá sido por isso que ela mais tarde o mudou?

Já Alexander, ou Xan, foi um nome a que ambos os meus pais deram o seu consentimento. O pai da minha mãe, um juiz de círculo que morreu antes de eu nascer, chamava-se Alexander. Foi o meu pai quem abreviou de imediato para «Xan», e o diminutivo pegou. Portanto, ali estávamos nós: Amory, Peggy e Xan, a prole dos Clay.

Na primeira memória que tenho do meu pai, ele está a fazer o pino de braços no jardim em Beckburrow, a nossa casa junto a Claverleigh, no East Sussex. Era algo que ele fazia sem dificuldade alguma – uma habilidade que aprendera em jovem, para brilhar nas festas. Davam-lhe um pedaço de relvado e, sem o menor esforço, ele equilibrava-se nas mãos e dava alguns passos. Mas, depois de ter sido ferido na guerra, começou a fazê-lo cada vez menos, por mais que lhe implorássemos; dizia que lhe fazia doer a cabeça e lhe desfocava a visão. Porém, quando éramos ainda muito pequenos, nem esperava que lhe pedissem; gostava de fazer

o pino porque, dizia ele, isso lhe afinava os sentidos e a perspectiva das coisas. Punha-se de cabeça para baixo e então dizia: «Filhas, estou aqui a ver-vos penduradas pelos pés como se fossem morcegos e metem-me dó; oh, coitadinhas, nesse vosso mundo de pernas para o ar, em que o chão está por cima e o céu está por baixo. Pobrezinhas...» «Não, não», guinchávamos nós em resposta. «Não... tu é que estás de cabeça para baixo, papá, não somos nós!»

Lembro-me de ele chegar de licença, de uniforme vestido, depois de o Xan nascer. Nessa altura, o meu irmão tinha três ou quatro meses, portanto deve ter sido nos finais de 1916. O Xan nasceu a 1 de julho de 1916, no primeiro dia da Batalha do Somme. É a única ocasião em que me lembro de ver o meu pai de uniforme – o Capitão B. V. Clay, condecorado com a Ordem de Serviços Distintos –, a única em que o recorde enquanto soldado. Suponho que o terei visto de uniforme noutras ocasiões, mas lembro-me em especial dessa licença, talvez porque o bebé Xan nascera há pouco e porque o meu pai o segurava nos braços com uma estranha expressão fixa.

Ao que parece, ele deixara instruções rigorosas quanto ao nome a dar ao terceiro filho: se fosse rapaz, Alexander; se fosse rapariga, Marjorie. E como sei eu isto? Sei-o porque às vezes, se estava chateada com o Xan e o queria irritar, lhe chamava Marjorie, portanto essa história seria do conhecimento geral. Todos os episódios familiares, todas as histórias pessoais, são tão vagos e tão duvidosos como o que se conta sobre os Fenícios, parece-me. Se possível, devíamos tomar nota de tudo, devíamos preencher todas as lacunas. Por isso mesmo, estou agora a escrever isto, meus queridos.

Durante a guerra, o homem que víamos mais amiúde, aquele que ocasionalmente vivia connosco em Beckburrow, era o irmão mais novo da minha mãe, Greville – o meu tio Greville. Greville Reade-Hill fizera reconhecimento fotográfico aéreo na força aérea britânica e, tendo escapado ileso a quatro despenhamentos, era uma espécie de lenda viva; ao quinto, porém, fez cinco fraturas na perna direita e foi dispensado por incapacidade física. Lembro-me dele a coxear por Beckburrow vestido de uniforme. Depois disso, transformou-se em Greville Reade-Hill, fotógrafo da sociedade. Ele detestava que lhe chamassem isso, mesmo

se essa era, de forma exata e evidente, a sua ocupação. «Sou *fotógrafo*», dizia ele, suplicante, «impura e não tão simplesmente.» Sem o saber, foi Greville – nunca o tratei por «tio»; ele proibia-o – quem encaminhou a minha vida ao oferecer-me uma *Kodak Brownie N.º 2* pelo meu sétimo aniversário, em 1915. Esta é a minha primeira fotografia.



*No jardim de Beckburrow, primavera de 1915.*

Greville Reade-Hill. Permitam-me então recordá-lo logo a seguir à guerra, quando a sua carreira começava a descolar – algo aos solavancos mas inequivocamente a subir, qual balão de hidrogénio cheio apenas pela metade. Era alto, de ombros largos e bem-parecido, realmente atraente, com um nariz um tudo-nada grande demais como único senão. Aquele era o nariz dos Reade-Hill e não o dos Clay. (Eu também herdei o nariz dos Reade-Hill.) Um nariz um tudo-nada grande demais pode dar-nos um ar mais interessante; nisso, eu e Greville sempre estivemos de acordo. Quem terá interesse em ser bonito ou bem-parecido à maneira «convencional»? Eu não, muito agradecida.

Não recordo grande coisa a respeito dessa primeira fotografia – aquele decisivo primeiro disparo do obturador, o tiro de partida que me fez arrancar na corrida que duraria toda a minha vida. Era uma festa de aniversário – da minha mãe, parece-me – e teve lugar em Beckburrow,

na primavera de 1915. Julgo que também nesse dia fora armado um toldo no jardim. Greville mostrou-me como inserir o rolo na máquina e como utilizá-la. Nada mais simples: olhava-se pelo quadradinho límpido do visor, escolhia-se o alvo e pressionava-se aquela patilhazinha de lado. *Clique!* Depois era só enrolar a película e tirar a foto seguinte.

Ao ouvir os risos no jardim, fui a correr buscar a minha máquina fotográfica. Depois atravessei o relvado à pressa e voltei a objetiva para as senhoras de chapéu e de vestido comprido que desciam calmamente até às faias que, ao fundo do jardim, escondiam o lago.

*Clique!* E tirei a minha fotografia.

Mas as restantes memórias que tenho desse dia reportam-se sobretudo a Greville. Ele agachou-se ao meu lado para me mostrar como funcionava a máquina fotográfica e aquilo que me ficou na cabeça, mais do que qualquer outra coisa, foi o aroma da pomada de óleo de Macáçar que ele usava no cabelo – um misto de leite-creme e de jasmim. Julgo que seria *Rowland's Macassar*. O meu tio era muito picuinhas com as roupas e com o cabelo, como se, de certa forma, estivesse sempre a mostrar-se – ou, agora que penso no assunto, como se estivesse para ser fotografado. Talvez fosse isso; sendo ele próprio alguém que fotografava os outros nas suas melhores roupas, o meu tio acabou por se tornar particularmente consciente da sua própria aparência, qualquer que fosse a hora do dia. Acho que nunca o vi despenteado ou descomposto, exceto numa ocasião... mas disso falaremos na devida altura.

Beckburrow, no East Sussex – a nossa casa. Na verdade, eu nasci em Londres, na vila de Hampstead; vivíamos numa *maisonette* de dois pisos em Well Walk, apenas a cem metros do Heath. Quando eu tinha dois anos, o meu pai enriqueceu temporariamente graças aos direitos de autor pela adaptação teatral que Eric Maude fizera do seu conto «Os Benefícios da Beladona» e então deixámos Hampstead. Esses inesperados proveitos financeiros foram aplicados na compra de uma velha casa com um jardim de hectare e meio, a oitocentos metros da vila de Claverleigh, no East Sussex (entre Herstmonceux e Battle). Foi acrescentada uma nova ala para fazer a cozinha, com quartos por cima, e instalou-se eletricidade e aquecimento central – em 1910, tudo isso eram novidades. Eis o que *The Buildings of England: Sussex* tinha a dizer a respeito de Beckburrow em 1965:

CLAVERLEIGH, uma pequena paróquia sem planeamento de construção mas de considerável encanto, logo abaixo da cordilheira de South Downs. Consiste numa única rua sinuosa que termina numa pequena igreja, ST JAMES THE LESS, ao fundo da rua em S (1744, reconstruída em 1865 numa versão manca e amalgamada do estilo clássico)... BECKBURROW, oitocentos metros mais para leste pela rua que segue para Battle, é uma boa e espaçosa casa de campo do século XVIII, com telhado de telha e construída com materiais atraentes – tijolo, sílex e argila xistosa. Uma das empenas conserva ainda parte da estrutura original de madeira. As pequenas janelas com pinázios da antiga fachada transmitem uma impressão de grande solidez. Sóbrios acrescentos ao estilo neogeorgiano (1910), com um grande telhado de quatro águas. Perfeitamente inofensiva, é uma casa para ser habitada e não uma exemplificação do bom gosto. Bom CELEIRO com revestimento exterior de tábuas.

Sempre foi isso mesmo o que eu achei de Beckburrow – era «uma casa para ser habitada». Nós, a família Clay, fomos felizes lá – ou, pelo menos, assim me pareceu enquanto ia crescendo. Mesmo quando o meu pai voltou da guerra – magro, irritadiço e incapaz de escrever –, parecia que nada mudara realmente na envolvente atmosfera benigna daquele lugar. Tínhamos uma ama, duas criadas, uma cozinheira (Mrs. Royston, que vivia em Claverleigh) e um jardineiro/faz-tudo, de seu nome Ned Gunn. Fiz a primária em Battle – a professora era uma senhora idosa e a escola era a casa dela – e era Ned Gunn quem me levava e depois me trazia numa carruagem aberta de dois lugares, isto até adquirirmos o nosso próprio automóvel em 1914, altura em que o Ned acrescentou «chofer» ao currículo.

Naqueles primeiros anos depois de regressar da guerra, o único verdadeiro prazer que o meu pai parecia tirar da vida era quando fazia as suas longas caminhadas até à beira-mar – até às praias de Pevensey e de Cooden, acima dos Downs. No seu passo vigoroso, conduzia os filhos e também os amigos e os familiares que na altura estivessem conosco, sempre a encorajar-nos, qual Flautista de Hamelin meio demente. «Vamos embora, força nas canetas!», gritava-nos por cima do ombro quando nos deixávamos ficar para trás, perdidos em explorações.



Mais tarde, a minha mãe ia ter connosco de carro e ao fim do dia levava-nos de regresso a Beckburrow. Quando chegávamos à praia, a mudança de disposição do meu pai era óbvia e imediata. A animação da caminhada dava lugar a um mau humor taciturno e ele ficava ali sentado a fumar cachimbo e a contemplar o mar. Nunca ligámos muito a isso. «O vosso pai já nasceu mal-humorado», dizia a minha mãe. «Há sempre alguma coisa que o põe melancólico. Como é escritor mas não consegue escrever, fica rabugento.» Pela nossa parte, tratávamos de aguentar aqueles seus silêncios intermináveis, pontuados pela ocasional arengada demoníaca quando a paciência finalmente se lhe esgotava e ele se punha a andar pela casa aos berros com toda a gente, a gritar por «um pouco de paz e sossego, por amor de Deus! Seria pedir muito?!» Nessas alturas, fazíamos por desaparecer e era a minha mãe quem o acalmava, levando-o de volta ao escritório enquanto lhe ia sussurrando ao ouvido. Não faço ideia do que lhe dizia, mas parecia resultar.

Por mais bizarros que possam ser na realidade dos factos, os nossos pais parecem-nos sempre «normais». Na verdade, a lenta tomada de consciência da estranheza que define os nossos pais é um prenúncio do desenvolvimento da nossa maturidade – um sinal de que estamos a crescer e a tornar-nos gente. Naqueles primeiros anos em Beckburrow, desde que nos mudámos para lá até meio da década de 20, não parecia haver nenhum problema de especial no nosso pequeno mundo. Os criados iam-se sucedendo e o jardim florescia; a Peggy parecia ser uma

espécie de criança-prodígio no que dizia respeito ao piano; o bebé Xan tornou-se num rapazinho pensativo, quase simples e até certo ponto autossuficiente, capaz de se entreter sozinho durante horas a fio a criar padrões complicados com um punhado de folhas e de pauzinhos ou então a construir uma represa no riacho na ponta sul do relvado, fazendo surgir do nada um pequeno império de rios, de lagos e de canais de irrigação e lançando depois pequenas jangadas feitas de balsa em minúsculas viagens à descoberta. Estas coisas mantinham-no ocupado o dia inteiro, até o chamarem para jantar.

E a nossa Amory? E eu? Até ali, sempre fora uma criança perfeitamente banal. Depois da escola primária com a professora idosa em Battle, veio o liceu em Hastings. E então, em 1921, foi anunciado que eu estava de abalada: ia para o Internato Feminino de Amberfield, perto de Worthing. No dia da partida (acompanhada pela minha mãe e com o Ned ao volante), o momento em que descemos pela estrada, deixando Beckburrow para trás, foi a primeira vez na minha vida em que tive plena consciência do grau de sofrimento, de injustiça e de desilusão que define a traição. Mas a minha mãe nem quis ouvir falar no assunto.

– És uma rapariga cheia de sorte, aquilo é uma ótima escola, vê se não fazes espalhafato. Detesto espalhafato e gente espalhafatosa.

Vinha a casa nas férias, claro, mas, sendo aquela que estava ausente, sentia-me uma espécie de elemento exterior ao grupo. O celeiro foi convertido numa sala de música para a Peggy; puseram-lhe lambris de madeira, pintaram-no, acarpetaram-no, trouxeram para ali um piano de meia cauda e, então, a Peggy começou a estudar com uma tal Madame Duplessis, de Brighton. O Xan vagueava pelo jardim e pelos caminhos em volta da casa, um rapaz de ar sério e dono de um sorriso raro e que lhe transformava por completo o rosto. O meu pai parecia passar quase toda a semana em Londres, à procura de algum trabalho que tivesse uma ligação qualquer com a literatura. Lá conseguiu um lugar em *part-time* como editor e colaborador na revista *Strand*, além de que lia manuscritos para várias editoras. A dinheirama ganha com «Os Benefícios da Beladona» começava a esgotar-se. Em 1919, a peça foi levada à cena em Nova Iorque, mas terminou a carreira ao fim de um mês; ainda assim, os cheques continuaram a chegar pelo correio – o misterioso e duradouro legado de uma peça que no passado tivera êxito. A minha mãe

parecia-me perfeitamente satisfeita a administrar o seu casarão, a julgar questões menores no tribunal civil de Lewes ou então a promover e a dirigir ações de beneficência pelas aldeias do East Sussex que rodeavam Claverleigh – festivais ao ar livre, tómbolas e bazares.

E, ocasionalmente, Greville vinha de Londres. Parecia-me que só ele era meu amigo e foi ele quem me ensinou a tirar melhores fotografias, trocando a minha *Box Brownie* por uma *2A Kodak Junior*, aquela com a lente num fole extensível; depois, numa misteriosa tarde, escureceu completamente a despensa, tirou para fora os tabuleiros e os frascos cheios de líquidos pungentes e mostrou-me a espantosa alquimia necessária para tirar cá para fora as imagens aprisionadas no rolo de película e para, através do uso de químicos – o revelador, o banho de paragem, o fixador e a lavagem –, as transformar miraculosamente em negativos que depois se usavam para fazer as ampliações a preto e branco.

O ressentimento por me ter visto banida ainda não desaparecera. Certo dia, lá ganhei coragem para confrontar a minha mãe e para lhe perguntar porque tivera eu de ir estudar para longe, enquanto a Peggy e o Xan podiam ficar em casa. A minha mãe fez-me sentar e segurou-me nas mãos.

– A Peggy é um génio – afirmou, como se nada fosse – e o Xan tem problemas.

A conversa resumiu-se a isto e o assunto ficou arrumado até o meu pai finalmente enlouquecer de vez.

\*

## DIÁRIO DE BARRANDALE, 1977

Dou a comida ao *Flam*, o meu leal e amoroso labrador, e, com a noite de verão a chegar de mansinho, acendo os candeeiros a petróleo. O pequeno frigorífico, a máquina de lavar e a aparelhagem de som funcionam graças a um gerador a gásóleo. Não quero luz elétrica nem televisão – e, seja como for, não vou estar por cá muito mais tempo, portanto que interesse tenho em fazer melhorias na casa? Vivo num confortável limbo tecnológico, numa espécie de centro de reabilitação: por um lado, posso lavar a roupa, ouço música e as notícias do mundo e tenho cubos de gelo